O USO DE DOCUMENTÁRIOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ESTADUAL VILMAR VIEIRA DE MATOS – DOURADOS/MS

THE USE OF DOCUMENTARIES IN GEOGRAPHY EDUCATION: THE EXPERIENCE IN THE STATE SCHOOL VILMAR VIEIRA DE MATOS - DOURADOS / MS

L'UTILISATION DE DOCUMENTAIRES DANS L'ENSEIGNEMENT GÉOGRAPHIE: L'EXPÉRIENCE DANS L'ÉCOLE D'ETAT VILMAR VIEIRA DE MATOS - DOURADOS / MS

Rúbia Duarte Parene[1]
rubiaduartep@hotmail.com

Bárbara Regina Ferrari[2]
brf.ferrari@hotmail.com

Marcos Leandro Mondardo[3]
marcosmondardo@yahoo.com

Resumo: Este artigo é resultado de um curso desenvolvido na disciplina de Geografia voltada às questões regionais, com a turma de terceiro ano noturno, do Ensino Médio, da Escola Estadual Vilmar Vieira de Matos, localizada na cidade de Dourados, em Mato Grosso do Sul. Trabalhar com outras linguagens geográficas (especificamente o audiovisual), permite investigar as visões de mundo dos estudantes sobre as problemáticas existentes na sociedade e seu espaço. Por meio de documentários, no curso foi discutida uma diversidade de assuntos e temas tais como racismo, desigualdades sociais, exploração no trabalho, dentre outros, que, embora cada um com sua particularidade, permitiam diálogos entre si. Esse exercício criou um espaço fecundo de debates e potencializou o conhecimento oriundo das trajetórias dos alunos.

Palavras-chave: Documentários; Ensino de Geografia; Dourados.

Abstract: This article is the result of a course developed in geography discipline focused on regional issues, with the class of 3rd night year of high school, the State School Vilmar Vieira de Matos, located in Dourados, Mato Grosso do Sul. Working with other geographic languages (specifically audiovisual), allows to investigate the world views of students on the

1 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFGD.

2 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFGD.

3 Doutor em Geografia e Professor no Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFGD.

existing problems in society and their space. Through documentaries, the course was discussed a variety of subjects and themes such as racism, social inequality, labor exploitation, among others, that although each with its particularity, allowed dialogue with each other. This exercise has created a fertile space for debates and potentiated the knowledge from the trajectories of the students.

Keywords: Documentaries; Geography teaching; Dourados.

Résumé: Cet article est le résultat d'un cours élaboré dans la discipline géographie axée sur les questions régionales, avec la classe de 3e année de nuit de l'école secondaire, l'École d'État Vilmar Vieira de Matos, situé à Dourados, Mato Grosso do Sul. Travailler avec d'autres langues géographiques (notamment audiovisuels), permet d'enquêter sur les visions du monde des étudiants sur les problèmes existants dans la société et leur espace. Grâce à des documentaires, le cours a été discuté d'une variété de sujets et de thèmes tels que le racisme, les inégalités sociales, l'exploitation du travail, entre autres, que, bien que chacun avec sa particularité, a permis le dialogue entre eux. Cet exercice a créé un espace fertile pour les débats et potentialisé la connaissance des trajectoires des élèves.
Mots-clés: Documentaires; Enseignement de la géographie; Dourados.

INTRODUÇÃO

Este artigo faz parte de um curso desenvolvido na disciplina de Geografia, voltada às questões regionais do Estado do Mato Grosso do Sul, com a turma de terceiro ano A noturno, do Ensino Médio da Escola Estadual Vilmar Vieira de Matos. Trabalhar com outras formas de linguagens geográficas (especificamente o audiovisual), investiga as visões dos estudantes sobre as problemáticas. Por isso, o objetivo foi instigar os alunos a expressarem suas opiniões, suas representações sobre os temas, a fim de complexificar o debate e incitar outras visões. A dinâmica dos documentários contribui para o processo de ensino-aprendizagem, e essa atividade aproxima a universidade e a escola, o ensino e a pesquisa.

A busca por metodologias é constante, e estas intentam ultrapassar o formalismo presente nas aulas de Geografia (não que seja uma especificidade apenas dessa disciplina). Desta forma, propiciamos um espaço de diálogo e de aproximação também entre professor e aluno, na tentativa de confrontar o seu conhecimento cotidiano com situações vivenciadas por eles (racismo, desigualdades sociais, exploração no trabalho) articulando ao conhecimento científico, a fim de superar o senso comum.

A opção de trabalhar com essa faixa de escolaridade advém de compreender as representações sociais que possuem sobre a sua história e a do local em que residem (Dourados (MS), a diversidade e as desigualdades sociais, considerando que são estudantes que estão finalizando o processo de ensino básico.

Focou-se principalmente na verificação das possibilidades de utilização de recursos imagéticos, utilizando-se somente de documentários, pelo pouco tempo das aulas no ensino de Geografia, já que a escola pública oferece semanalmente apenas duas aulas de cinquenta minutos para o Ensino Médio, o que faz com que a dinâmica em sala tenha que ter objetividade e qualidade,

propiciando a aproximação dos alunos com essas formas de linguagens, além da abordagem de temas que contribuiriam na problematização de pré-conceitos e ampliação de visões.

Quando aspiramos problematizar e ampliar as visões e os pré-conceitos, fazemos alusão ao local de vivência dos alunos, ponderando o contexto do município, Dourados, e em maior escala, seu estado, Mato Grosso do Sul. Portanto, a título de apresentação de dados sobre a área de estudo temos que o município de Dourados, segundo o último censo (IBGE, 2015), possui uma população de 212.870 habitantes, sendo o segundo maior município do estado do Mato Grosso do Sul, depois da capital Campo Grande.

O município apresenta uma variada diversidade cultural, social, econômica. Por um lado, ressaltam vastas plantações de cana-de-açúcar e soja, além da predominância da pecuária, com a criação de gado e a avicultura. Por outro, temos uma área de reserva indígena, que compreende 3.475 hectares (somente)[4] e abriga cerca de doze mil pessoas (PEREIRA, 2014). E em meio a essa diversidade, encontramos a área urbana, colonizada por gaúchos, paulistas, paranaenses, paraguaios que compõem uma miscigenação de costumes, tradições e cultura.

Sabendo disso, o projeto almejou trazer para as discussões as visões dos estudantes. Intitulado de *Olhares Geográficos: o uso de documentários no Ensino de Geografia,* o curso propôs a utilização de documentários para abordar temáticas atuais que provocam discussões em sala de aula e inseri-las no contexto social. Isso vem com o pressuposto de elencar temas, mas que também se crie meios de os tornarem inteligíveis para os alunos, já que, com o uso deste recurso, as aulas ganham um caráter mais eficiente.

Sendo assim, se estabeleceu os seguintes temas, que estavam de acordo com o PTD (Plano de Trabalho Docente) do professor: A formação histórica/geográfica do Mato Grosso do Sul; Preconceito Racial; Questão indígena no Mato Grosso do Sul; Exploração do Trabalho; Gênero e Sexualidade, onde em cada momento, discutiu-se por intermédio de um documentário que interrogava ou apresentava uma problemática.

Propôs-se desenvolver o projeto na Escola Estadual Vilmar Vieira Matos, localizada em uma região periférica da cidade, sendo alunos oriundos de famílias assalariadas, de classe média a baixa (PPP, 2015). Optamos pelo terceiro ano noturno, pois é um conjunto de estudantes que em sua maioria se encontram inseridos no mercado de trabalho, e por vezes vivenciam várias situações das quais foram apresentadas nos documentários, em seu ambiente de trabalho ou escolar e terem maior conhecimento da história regional.

A turma era composta por trinta alunos, entre uma faixa etária de dezessete a dezenove anos, sendo que 60% da turma trabalha no contra turno. A turma nos chamou a atenção pelo fato de ter uma diversidade de idade entre eles, pelas situações adversas em que alguns já têm a responsabilidade de trabalhar e ajudar nas despesas de casa, e outros na busca de um aperfeiçoamento. Outra questão é fato dos alunos se mostraram interessados nas discussões, e a maioria (80%) tinha a intenção de ingressar em uma universidade pública.

Considerando que o ano letivo é de duzentos dias na Escola Estadual Vilmar Vieira Matos (PPP, 2015), o projeto foi desenvolvido no segundo bimestre, do primeiro semestre.

4 Considerando que o município compreende uma área de 4.086, 237 km².

No período de maio a julho de 2015, (destacando que as escolas estaduais passaram por um período curto de greve, no entanto, não interferiu no decorrer do projeto).

Entende-se que o nível de escolaridade selecionado, o Ensino Médio é a fase de conclusão do ensino básico do aluno, momento no qual aprofunda-se os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, almejando-se um preparo sólido para entrada no mercado de trabalho exigente e nos bancos acadêmicos. Por isso uma preocupação em elevar as metodologias e inovar nas formas de transmissão de conteúdos exigidos.

Além disso, consiste no período de escolarização, em que visa aperfeiçoá-los como pessoa humana, cidadã (PCN's, 2000), autônoma, formadoras de opiniões, sujeitos críticos, abordando temas centrais do cotidiano dos alunos como preconceito, gênero e exploração do trabalho humano.

Dessa forma, a atividade que propomos no projeto torna-se lócus da reflexão que abarca ponderações políticas e teóricas, que devem estar em constantes redefinições de acordo com as necessidades do cotidiano escolar. Entretanto, estes elementos contribuem para a desconstrução de alguns pré-conceitos, como o racial e de gênero e a construção de novos conceitos, divergindo com os pré-estabelecidos pelos alunos. Assim, por meio da utilização dos documentários, procuramos estimular o debate sobre esses temas que muitas vezes não são discutidos em sala de aula, articulando com temas transversais.

Com isso, entendemos a Geografia enquanto ciência, e em âmbito escolar, torna-se fundamental ao tratar de questões sociais, econômicas, políticas e culturais, no mundo em que vivemos. Fazendo a relação entre ensino e Geografia, articulam-se as discussões com as categorias de análises: espaço, lugar, região, território, paisagem e redes.

A aplicabilidade se desenvolveu entorno de uma proposta que fosse mais alternativa, em que o aluno tivesse um contato visual tornando o assunto mais palpável. Observando que o conteúdo possui caráter geográfico, pois retrata vários cenários, paisagens e diversos ambientes, entendendo que o cinema possibilita inovação nas práticas de ensino e que seja mais atrativo aos alunos (OLIVEIRA, 2011).

Durante o desenvolvimento do projeto, procuramos enfatizar a fala dos alunos, ouvir suas opiniões e expressões sobre os temas debatidos em cada aula, percebendo uma convergência de opiniões em sala e muitas dúvidas sobre os assuntos. Esse processo foi bastante importante, já que, como estão em fase de construção de valores, os adolescentes estão criando uma personalidade que os tornará sujeitos ativos na sociedade.

Na primeira parte deste trabalho optamos em realizar uma reflexão sobre o uso dos documentários no ensino de Geografia pois, esta vem ser uma forma a qual possa se oferecer contribuições e um maior desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem, já que através desse recurso imagético, o aluno terá duas maneiras de absorver o conteúdo aplicado, que vem a ser através do método tradicional, ou seja explanação oral e através do audiovisual, que traz uma possibilidade maior de absorver o conteúdo proposto.

No segundo momento, demonstramos as percepções e os resultados, como procedemos no desenvolvimento do projeto, situando os documentários trabalhados e intercalando com depoimentos e respostas dos alunos diante da atividade. Para finalizar, realizamos a avaliação

do curso na escola, destacando os avanços e retrocessos diante da utilização de documentários no ensino de geografia.

Frisamos que a desconstrução de algumas representações que os alunos possuem se confrontam com as reflexões realizadas no decorrer do curso, e isso propicia a construção de um olhar crítico diante das situações vivenciadas por esses alunos em seu cotidiano.

EM BUSCA DE UMA METODOLOGIA PARA ARTICULAR UM OLHAR GEOGRÁFICO COM O USO DOS DOCUMENTÁRIOS

As metodologias fazem parte do trabalho docente, pois possibilitam ao professor várias estratégias de ensino em busca da construção do conhecimento pelos alunos. Desta forma, existem diversas metodologias que contribuem para esse processo. Não é novo o uso de filmes, documentários, músicas, vídeos, imagens, bem como o livro didático, o quadro negro e até mesmo mapas, globos e atlas, mais específico da geografia escolar. No entanto, por mais que seja amplo o leque de metodologias, essas ainda são pouco efetivadas em sala de aula, limitam-se em sua maioria ao uso do livro didático e o quadro negro.

Assim, o professor precisa ter claro o objetivo que se quer alcançar por meio das metodologias utilizadas, além de entender que são diversas linguagens presentes no cotidiano escolar, como a científica, o senso comum, a midiática, das redes sociais entre outras. A linguagem aqui empregada foi a de documentários, por esta proporcionar não somente uma linguagem visual, auditiva, mas por expor uma problemática referente a um tema.

É sabido que a prática dos documentários não é algo inovador ou inédito, e não tem esse propósito. No entanto, é uma prática pouco utilizada em sala de aula pois, no decorrer do curso, constatamos por meio dos depoimentos dos alunos que não é frequente o uso de documentários pelos professores, e poucos afirmaram já ter conhecimento ou assistido algum dos documentários trabalhados.

Os documentários assim, buscaram retratar temas, cenas, imagens do dia a dia dos alunos. Considerando a localização da escola no município de Dourados, em uma região periférica, sendo afastada do centro, contata-se uma carência à infraestrutura, ao acesso à internet, e outros serviços. Há também, a predominância de um multiculturalismo na região, com a presença de indígenas Terena e Kaiowá e o contato direto com alguns alunos dessas etnias na escola. Além disso, a maioria dos estudantes do Ensino Médio noturno estão inclusos no mercado de trabalho e presenciam diversas situações em seu dia a dia, que exigem deles maturidade e o entendimento para agir com certa coerência.

Intrinsecamente as discussões permearam as desigualdades e tensões socioespaciais promovidas pelo capitalismo como impactos ambientais negativos, globalização, precarização do trabalho, bem como a incentivos fiscais, tributários de infraestrutura que o Estado promove em detrimento das classes mais necessitadas e que ficam a mercê de equipamentos e serviços, acentuando os descompassos intra-urbano.

Desta forma, o curso teve início após a aprovação pela escola, o desenvolvimento ocorreu nessa sequência de uma introdução sobre o tema abordado; posterior a uma produção audiovisual do documentário e por fim o debate instigado pelas acadêmicas,

para analisar as opiniões dos alunos. Foram realizados 5 encontros cada um com um tema diferente, conciliando com a proposta do plano de ensino da professora regente. A participação da professora regente foi mínima, averiguando que em alguns momentos a mesma não se fez presente na visualização dos documentários. No entanto, essa foi uma estratégia para que houvesse maior liberdade de expressão tanto pelos estudantes quanto pelas ministrantes do curso.

Por fim, no último dia de debate, realizamos um apanhado geral sobre todas as temáticas, esclarecendo dúvidas pertinentes aos assuntos, com maior tempo para que os alunos colocassem seus pontos de vista. Como atividade final de avaliação dos alunos e do curso, propusemos realizar um diagrama de investigação individual sobre os temas e os documentários, como outra tática de expressarem suas opiniões sendo este de forma escrita.

OS DOCUMENTÁRIOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

O ensino de geografia no Ensino Médio contribui para desenvolver e potencializar os conhecimentos dos alunos, apreendidos no decorrer de sua vida cotidiana e escolar. Aprofundando noções escalares do espaço e de localização, aprimorando a leitura da linguagem cartográfica, além da observação de fatos, notícias e informações que circulam na mídia e nas redes sociais, com uma visão mais crítica e analítica. Como apresenta Callai (1999):

> Considerando o Ensino Médio a fase da Educação Básica em que o estudante adquire uma cultura geral, tratando de todas as áreas, é o momento em que se realiza a sistematização dos conhecimentos, num leque que pretende abrir perspectivas na busca de sua profissionalização. O conteúdo das ciências trabalhado nas diversas disciplinas dá ao aluno uma visão geral do mundo e da vida (CALLAI, 1999, p. 62).

De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006) os objetivos para o ensino de Geografia no Ensino Médio, são:

> - compreender e interpretar os fenômenos considerando as dimensões local, regional, nacional e mundial;
>
> - dominar as linguagens gráfica, cartográfica, corporal e iconográfica;
>
> - reconhecer as referências e os conjuntos espaciais, ter uma compreensão do mundo articulada ao lugar de vivência do aluno e ao seu cotidiano (ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO, 2006, p. 44-45).

Tais objetivos, devem estar articulados com o trabalho docente, preocupado em potencializar as habilidades e competências dos alunos, diante das temáticas que permeiam a Geografia. Entretanto, espera-se que o aluno adquira uma visão geral do conhecimento, articulando não somente com esta disciplina, mas que ele consiga desenvolver comparações, correlações, estabelecendo conceitos, e seja capaz de formar opiniões.

Desta forma, o recurso de documentários aborda temas que atravessam tanto a Geografia quanto a vida dos alunos. É uma linguagem que aprimora os sentidos da visão, audição e percepção, mas também o que toca as suas memórias.

Desde o final do século XX, percebe-se avanços da tecnologia e da informática com um aumento da circulação de informações por meio dos canais de comunicação, como a televisão, a mídia e principalmente pelas redes sociais. Assim como aponta Barbosa (2007):

> Vivemos nesse final de século sob a marca do visual. Nossa vida cotidiana é cada vez mais invadida por uma profusão voraz de imagens. A televisão que assalta as nossas casas, a propaganda comercial que invade as ruas e, mais recentemente o computador que gera uma nova segregação de convivências (de linguagem e tempo/espaço), espalham imagens visuais das mais diferentes escalas e nos transferem uma sensação permanente do esvaziamento da realidade pela ficção representacional (BARBOSA, 2007, pp. 111-112).

Percebemos essa realidade se refletir dentro da sala de aula, verificada com o desenvolvimento do projeto. Pois, os alunos vivem rodeados de informações dos mais diversos segmentos, destacando a televisão e a internet como uma forte influência. O acesso dos alunos à internet em casa é restrito, no entanto, se amplia com as possibilidades do 3G em celulares e *smartphones*, o que os conecta quase em tempo integral. A televisão, por sua vez, faz parte da cultura brasileira, como meio de comunicação de informação, de lazer, o que reúne e ao mesmo distancia a família.

Assim, o trabalho com os documentários busca trazer para o seu cotidiano essa gama de informações que percorrem o mundo digital e midiático (por exemplo, ao trabalharmos com o vídeo sobre gênero e sexualidade, muito polemizado no período do desenvolvimento do curso). Os assuntos abordados nos documentários retratam tanto questões reais concretas quanto situações imaginárias, mas que entrecruzam o cotidiano dos alunos, da escola e da sociedade.

Destacamos que os documentários não se constituem em uma representação fiel da realidade, mas uma forma criativa de se expressar a realidade que se deseja. Estes documentários podem conter entrevistas e depoimentos de pessoas sobre fatos ou invenção de uma história e geografia sobre uma determinada questão, podendo ser o imaginário do que se observa no cotidiano.

Por isso, a leitura da imagem e da realidade que se apresenta no vídeo depende do observador, ou seja, de quem está assistindo, do espectador. "A realidade é construída por meio das leituras do sujeito observador. É este quem constrói e localiza o significado do filme e não a objetividade intrínseca da imagem cinematográfica" (BARBOSA, 2007, p. 115). A imagem produzirá uma opinião no observador, irá provocá-lo, instigá-lo, fazer com que reflita sobre o que está assistindo, ouvindo e sentindo. Criando associações e comparações com situações locais e vividas pelos observadores.

Os documentários em sala de aula, portanto, instigam ao debate e espaços de discussão, constroem e desconstroem percepções adquiridas pelos alunos. Retratam objetos variados (as pessoas, diversos ambientes e lugares, fatos históricos verídicos ou temas que chamam a atenção para alguma situação específica, como racismo, entre outros), assim como podendo variar seu ponto de vista, (por exemplo, o tema da erva-mate pode ser observado sob a ótica da Geografia quanto da História ou da Sociologia, e de formas diferentes):

> O papel do filme na sala de aula é o de provocar uma situação de aprendizagem para alunos e professores. A imagem cinematográfica precisa estar a serviço da investigação e da crítica a respeito da sociedade em que vivemos. Trata-se, portanto, de um movimento de apropriação cognitiva da relação espaço-imagem e, principalmente, da criação de sujeitos produtores de conhecimento e reconhecimento de si mesmos e do mundo (BARBOSA, 2007, p. 112).

Ao se trabalhar com documentários em sala e no ensino de Geografia, estabelecemos as temáticas e buscamos vídeos que melhor representariam uma discussão, procurando retratar situações que ocorrem em nossa sociedade e o mais próximo do lugar de vivencia dos alunos. Sabendo que:

> [...] documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece *asserções* sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das *imagens-câmera* e, principalmente, a *dimensão da tomada* através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados (RAMOS, 2008, p. 22 *apud* DIAS).[grifos dos autores].

Assim, é relevante o uso de documentários no ensino, pois está colocando proposições sobre o mundo, apresentando uma posição perante a situação ou temática a qual está abordando. E nesse sentido, professores ao utilizarem essas películas, sabem a finalidade a qual se espera chegar. Não é apenas uma ficção, como mais característico dos filmes, apenas para entretenimento. O documentário tem uma linguagem mais apropriada para discussões e exibe pontos de vista distintos sobre determinadas questões.

E o ensino de Geografia ao atrelar conhecimentos diversos e complexos ao espaço, às paisagens e a sua interação com o homem e a sociedade, permite que se trabalhe com o espaço de vivência dos alunos. Sendo assim, torna-se importante pensar os documentários como um meio e os conteúdos como essa ponte de aproximação à vida cotidiana dos alunos, notadamente, discutidos pelo olhar geográfico.

Tendo isso como premissa, cabe a nós como futuros educadores a responsabilidade social e profissional de garantir um ensino de geografia sólido que preze pelo desenvolvimento da autonomia intelectual do discente.

Por meio dos documentários os alunos apreendem informações e são instigados ao debate, a expor o que pensam sobre a problemática que o vídeo interroga. São eles os protagonistas do processo ensino aprendizagem, e ao propor que se expressem, buscamos desenvolver a autonomia intelectual dos discentes.

A Geografia proporciona uma orientação no/do mundo e a leitura deste mundo, desafiando o aluno a assumir uma posição, um pensamento crítico. Logo, o uso de documentários se torna um recurso que vem dar movimento e maior asserção às discussões em sala de aula:

> Configura-se como uma estratégia de ensino adequada às novas características dos estudantes do Ensino Médio. A diversidade das produções cinematográficas gera para o ambiente escolar uma ampla gama de possibilidades, principalmente no que toca aos conteúdos geográficos (OLIVEIRA, 2011, p. 4).

Portanto, almeja-se apresentar as compreensões de alunos e as diferentes geograficidades, resultante das construções sociais distintas marcadas pelo sistema capitalista hegemônico, que cria novas regionalizações, rompe e une povos, em diferentes momentos históricos. Isto se torna uma das funções desta disciplina entre outras competências e habilidades. Segundo Callai (2001):

> Ao estudar situações concretas, problemas que os vários povos enfrentam e a estruturação dos seus territórios que apresentam paisagens que expressam a realidade vivida, o aluno adquire os instrumentos para pensar o mundo de sua vida, da vida de todos os homens. Ao confrontar várias situações entre si e com as condições concretas do seu próprio mundo próximo, ele vai construindo um conhecimento próprio e, mais do que isto, a compreensão de regras e leis que rege neste mundo atual; pode inclusive buscar o que as funda e compreendê-las como historicamente construídas (CALLAI, 2001, p. 145).

A busca pela prática de outras linguagens que estimula o audiovisual dos alunos mostrou-se satisfatória, em sua maioria os alunos se expressaram, relatando as situações de vivências assimilando as situações representadas nos documentários.

O desafio no momento seria realizar uma transposição de forma didática os conhecimentos envoltos de conceitos geográficos a fim de que os alunos se atentem da importância em compreender questões essenciais do mundo ao qual estão circunscritos, para nele poder agir, tendo a consciência dos papéis sociais dentro de um campo de poder.

Percebemos assim, que as discussões colaboraram para alcançar esse desafio. No entanto, muitos alunos demonstraram desenvolver suas opiniões embasadas em redes sociais e expressas pela mídia. Entendemos, a importância da realização dessas atividades dos documentários e das discussões em salas de aula para colocar em evidencia o debate de ideias e opiniões, para construções e desconstruções de pré-conceitos que transpassam a sociedade.

A PRÁTICA DE DOCUMENTÁRIOS NO ENSINO MÉDIO NOTURNO: AS PERCEPÇÕES E OS OLHARES DOS ESTUDANTES DIANTE DOS TEMAS

A discussão dos documentários está relacionada no quadro 1, na respectiva ordem. Cada documentário abordou um tema central, no entanto, não significa que não se teve a conexão dos vídeos entre si.

QUADRO1: Documentários utilizados

Documentário	Conteúdo	Duração	Direção	Ano da produção
Caá – A Força da Erva	A história da Erva Mate no Mato Grosso do Sul	58:03	Lú Bigatão	2005
Xadrez de Cores	Preconceito Racial	21:07	Marco Schiavon	2015
A Sombra de um Delírio Verde	Conflito de terra entre indígenas e o agronegócio	29:36	Ana Baccaert, Cristiano Navarro, Nicola Mu	2013
Tabuleiro de Cana: Xadrez de Cativeiro	Exploração do trabalho	27:36	Thalles Gomes	2012
Os tabus sociais na percepção de gêneros e papéis sexuais	Questões de Gênero e sexualidade	35:46	Júlia Balthazar	2012

Fonte: Organização dos autores

Observa-se que os documentários eram curtos, quase todos não ultrapassaram os cinquenta minutos das aulas. Pois o intuito era que dentro de uma aula pudéssemos apresentar o vídeo e debater sobre a problemática que se colocava. As dúvidas não se encerraram com o término das aulas, mas provocaram os estudantes a buscar entender e compreender sobre os temas.

A sala de aula utilizada no curso não se mostrou totalmente adequada. Como se observa na figura 1, era uma sala de vídeo, no entanto seu espaço físico era pequeno, os alunos ficavam apertados, gerando um desconforto. Nos primeiros encontros havia caixas com uniformes, o que diminuiu ainda mais o espaço. Apesar de algumas dificuldades, o fato de movimentar os alunos de sala instiga-os a ocupar outros espaços da escola (e ao que pareceu este não é muito utilizado), provocando curiosidade sobre o andamento da aula, tentando fugir do formalismo de ficar na sala de aula.

Figura 1: Apresentação do documentário para os alunos



Fonte: FERRARI, B, 2015.

Assim, o curso iniciou com a abordagem do documentário sobre o estado do Mato Grosso do Sul (*Caá – a Força da Erva*) do qual traz um enfoque sobre a colonização do estado, sua história e geografia e a influência da exploração da erva-mate, colocando a representação de um ciclo econômico notório para a formação territorial e fronteiriço da região.

Este documentário objetivava perceber a compreensão dos alunos diante da formação histórica e geográfica do seu próprio estado. Além de trazer à luz a organização territorial que ocorreu a partir do processo de colonização, observando as relações étnicas, culturais e sociais que construíram e influenciaram nas cidades e em sua regionalização, deixando marcas visíveis nos locais.

O documentário *Caá – a Força da Erva* remete ao passado, à formação do estado, em uma época que era Mato Grosso (antes da divisão estadual), explorando lugares conhecidos

pelos alunos, trazendo depoimentos de pessoas que viveram e trabalharam nos ervais e com a abordagem histórica, buscando nas memórias dos povos que aqui habitaram e ainda habitam.

O debate com os alunos foi estimulado com alguns questionamentos relativos as suas origens, a influência na formação territorial e cultural do estado do Mato Grosso do Sul e como eles percebiam essas marcas hoje, no município de Dourados, ou até mesmo em seu meio familiar.

Assim, em depoimento os estudantes destacaram a presença da cultura paraguaia, enfatizando os costumes quanto a culinária, o mate (mais apreciado pelos pais e avós) e o tereré (mais comum entre os jovens), que fazem parte do seu cotidiano, além de ser uma prática socializadora.

Relataram que é tradicional crescerem tomando o chimarrão e tereré, justificando que são descendentes de paraguaios e gaúchos, em sua maioria e, alguns de paulistas. Outro elemento destacado é a participação de indígenas na história do presente estado, fato esse, sendo pouco expressivo, encontrando-se poucos registros que mostram sua presença na formação do território.

Contudo, a cidade de Dourados e o próprio estado de Mato Grosso do Sul possuem umas das maiores populações indígenas localizadas em reservas do país. Como confirmam Brand; Ferreira; Junior e Batista (2003):

> Embora a mão de obra amplamente predominante nos ervais tenha sido a paraguaia, ocorreu, em várias regiões, o significativo engajamento de índios Kaiowá e Guarani na exploração da erva mate. (BRAND, FERREIRA; JUNIOR e BATISTA, 2003, p. 2)

O documentário abordou também a participação econômica da Companhia Mate Laranjeira (já no início da década de 1890, a empresa individual de Laranjeira foi sucedida pela Companhia Mate Laranjeira – CML), uma sociedade anônima criada no Rio de Janeiro (então capital da República do Brasil) em setembro de 1891:

> O surgimento dessa empresa vincula-se a um momento muito especial da história brasileira, correspondente aos anos iniciais do regime republicano (instaurado em fins de 1889) – momento esse caracterizado pela enorme multiplicação de novos empreendimentos privados, voltados aos mais diferentes setores de atividade (QUEIROZ, 2012, p. 2)

A Companhia Mate Laranjeira atuou por mais de cinquenta anos no Estado. Os alunos relataram que avós ou parentes mais velhos trabalharam ou residiam em locais que possuem vestígios e lembranças da época da atuação da companhia, destacando a Fazenda Campanário, como um desses lugares.

O ciclo da erva-mate foi um período de incentivo a colonização da região sul do Mato Grosso, o qual abriu estradas para a circulação e transporte da erva, mas também um período que mostra a exploração dos trabalhadores que nesses ervais empenhavam suas forças. Verificando a presença da cultura paraguaia e indígena, além dos migrantes provindos do

RS, MG e SP que aperfeiçoaram as técnicas de produção, mecanizando a produção de soja na substituição da erva-mate.

Como relata um aluno A1[5] (2015) *"*No caso o documentário que fala sobre a erva mate no nosso estado, é importante saber a localização de onde ocorreu, a localização e a zona de influência dos mesmos, tão quanto a influência na sociedade*"*, compreendendo que os alunos percebem a influência do ciclo da erva para a formação territorial do estado do MS, e também nos costumes com a tradição do mate e do tereré até os dias de hoje.

Muitos alunos desconheciam o processo de fabricação da erva-mate, do trabalho que empenhava e a grandiosidade que foi na época de colonização. Isso mostra o desconhecimento de suas próprias identidades, de entender como ocorreu a regionalização do estado e a importância de preservar costumes e tradições, as quais são influências tanto paraguaias quanto indígenas. Como relatou a aluna A2:

> *Caá – a força da erva* foi muito bem relatado, porque eu não fazia nem ideia de como era preparada a erva, e que eles praticamente eram tratados como escravos, gostei quando eles retratavam cenas das pessoas que ainda estavam vivas daquela época, eles mostrando como eles faziam e dizendo que agora eles veem como tortura mas que gostavam do que faziam.

Alguns alunos se mostraram tímidos no debate desse documentário por ser o primeiro, mas por estar relacionado ao seu cotidiano, explanar sobre o meio em que vivem, estes se mostraram interessados e atentos para os costumes, as tradições e as influências que ainda permanecem no espaço onde vivem.

O segundo documentário trabalhado abordou o tema sobre discriminação racial. O vídeo *Xadrez de Cores* retrata uma senhora branca que contrata uma negra para empregada doméstica, e a partir do convívio entre elas, a senhora passa a utilizar expressões com o intuito de inferiorizar o trabalho da doméstica.

A discussão sobre discriminação racial perpassa várias disciplinas e não se prende somente a Geografia. No entanto, o objetivo de trabalhar com esse vídeo foi perceber a visão que os alunos têm sobre os negros hoje na nossa sociedade, se na opinião dos discentes, estes ainda sofrem discriminação e preconceitos, e onde se localizam os negros nas cidades, nos bairros, no mercado de trabalho. Além disso, associou-se a participação dos negros na formação do território brasileiro e sul-mato-grossense.

Essa questão racial teve acuidade na escola, pois a miscigenação é expressiva, apresentam-se muitos estudantes pardos, negros, e uma mescla indígenas, paraguaios e sulistas. Então, a discussão sobre esse tema é de fazer-se refletir sobre suas próprias identidades e ações, atitudes em relação ao outro. Além, da participação ainda pouco significativa de negros em cargos políticos e de maior destaque pelos meios de comunicação, e o próprio racismo que é escancarado na mídia e nas redes sociais.

5 A fala dos alunos foi gravada e filmada durante o debate, após a exposição do documentário, em um diálogo entre as mestrandas e os alunos. Por isso, em sua transcrição optamos por enumerar as falas dos alunos em A1, A2, A3 respectivamente.

Esse tema apresentou-se bastante polêmico. Ao questionarmos se algum aluno já tinha presenciado cenas de racismo, ou se ele próprio teria sofrido ou até mesmo praticado, as respostas foram positivas para os três casos. Os alunos afirmam que existe racismo na nossa sociedade (isso se referindo a Dourados, na escola, no seu ambiente de trabalho), identificando-o por meio de insultos e palavras de baixo calão contra outras pessoas, essas sendo negras.

Um dos alunos destaca também que não somente por palavras, mas por ações, quando um quer inferiorizar o outro, ao pensar que o negro não tem capacidade. Narra que viu nas redes sociais uma reportagem em que "estavam num tribunal, um negro que era advogado, um que era segurança e o outro que era o réu, pra ser julgado, aí a foto dizia assim: *Três negros em diferentes posições sociais, tudo depende da atitude dos seus ideais (A3).* É percebida a posição e a ênfase dada de um meio de comunicação sobre os três homens serem negros, mas que estão em situações diferentes.

Ao questionar os alunos sobre onde se encontravam os negros, locais em que há maior predominância, prontamente vários responderam: nas favelas, na periferia. Isso apareceu no documentário, mostrando a casa da empregada na favela, e até mesmo, demonstrando uma maior criminalidade, no qual, as crianças retratadas brincavam com armas de brinquedo.

Por outro lado, em depoimento, o aluno A4 demonstra sua insatisfação quanto a essa situação, justificando o fato de se encontrarem, em maior proporção, negros em favelas e áreas mais periféricas, pela superioridade do branco:

> O branco está sempre por cima, representa a sociedade mais alta, pessoas que tem maior poder aquisitivo; já negros não tem as mesmas condições de comprar uma casa no centro, no meio da área geral, são mais pobres, por isso, é obrigado a buscar casas a nível abaixo, na periferia. (Depoimento do aluno A4)

A visão do aluno é relativa as discrepâncias existentes e ainda afirmadas na nossa sociedade entre negros e brancos. Ao se falar de negros na história, são lembrados como escravos, dada pela colonização europeia e por esse eurocentrismo tão difundido em nossa sociedade. Os alunos percebem a pouca participação de negros em cargos de relativa importância ou que exigem mais estudos. No entanto, sabem que isso não é realmente o que acontece. Ao longo dos anos muitos direitos foram conquistados para que tivessem melhores oportunidades de empregos e de ingresso nas universidades.

Contudo, os alunos se mostram em oposição às cotas raciais, como argumenta a aluna A2: "Eu sou contra as cotas, porque eles são iguais a gente, tem a mesma inteligência, então tem a mesma capacidade de fazer o mesmo tipo de coisa". E outra complementa, "Ah, só porque a gente é branca a gente tem menos vantagem, acho que eles terem vantagem é vergonhoso para eles, porque eles são iguais a gente, têm a mesma inteligência" (depoimento da aluna A4).

Esse questionamento alvoroçou os alunos e muitos se manifestaram contra as cotas raciais. No entanto, seus argumentos são frágeis e não há clareza de como o processo de cotas realmente funciona. Até mesmo um aluno que se considera negro declarou ser contra as cotas raciais, afirmando que:

> Eu sou contra também as cotas raciais, porque no caso seria a mesma coisa que eles estarem atestando, eles estarem assinando um atestado de incapacidade deles,

> porque se eles se acham suficientes para entrarem na universidade da mesma forma que o pessoal branco consegue, eles não entrariam pela cota racial, agora como existe SISU, que no caso é pra todos, aí já é outra coisa, outra forma de entrar, mas no caso em universidades e outros lugares que eles tem preferência de entrar, é igual a colega falou, eles estão se excluindo, a sociedade branca já demarca que '"Ah, eles não têm capacidade; eles precisam disso aqui", mas quando na verdade eles só precisam de interesse e força de vontade. (Depoimento do aluno A3)

Os depoimentos demonstram que os alunos, por vezes não compreendem a real função das cotas. Buscamos assim, contrabalancear com argumentos quanto ao número de cotas destinadas ser relativamente baixo, o que não interfere na concorrência dos outros candidatos e nem lhes dá privilégios.

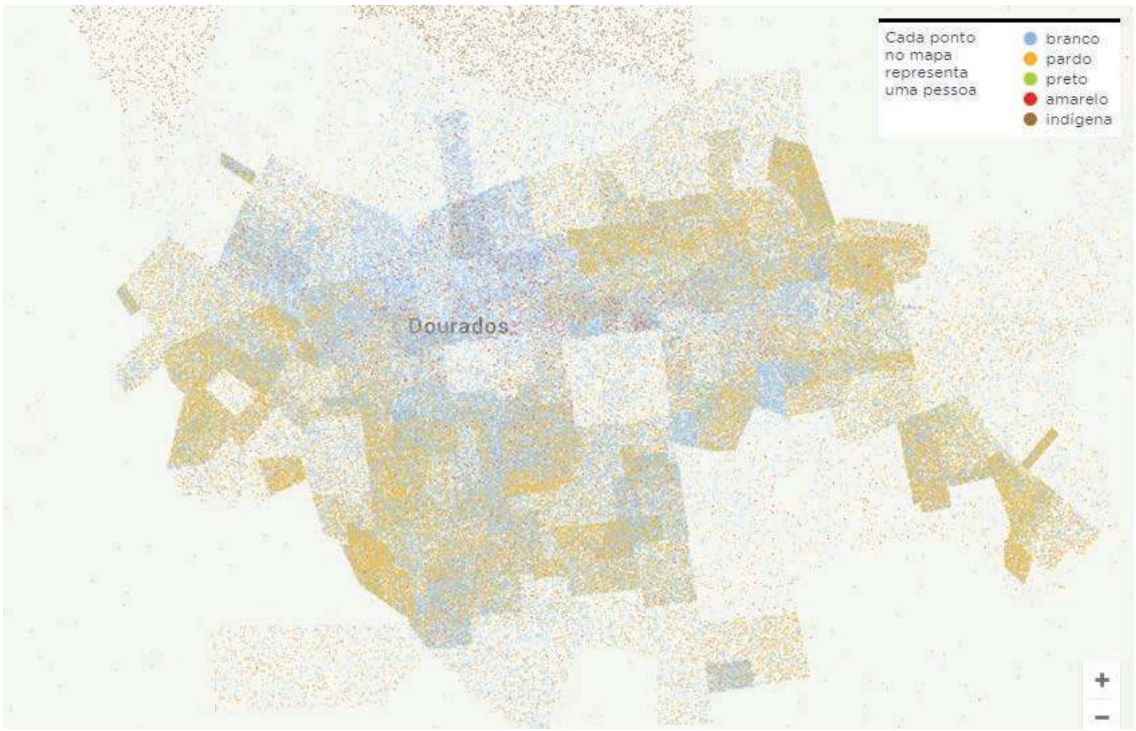
Refletimos também a presença de negros inseridos nas universidades e até mesmo nas escolas públicas, questionando aos alunos se eles percebem uma grande quantidade de alunos principalmente nos cursos de engenharia, medicina, das áreas exatas. Aqui, em Dourados, a participação ainda é ínfima, isso demonstra que o número de cotas é irrelevante diante do número de vagas realmente ofertadas pelos programas, e que ainda o acesso ao ensino é restrito a essa população.

Os alunos pouco destacaram a contribuição da cultura negra para o nosso território e é pouco frisado também a presença negra na colonização do MS, que no vídeo anterior pudemos constatar que pouco (ou nada) abordou. As discussões priorizaram as desigualdades sociais e territoriais entre brancos e negros. A aluna A5 argumenta que a partir de nosso enfoque exacerbado sobre as questões raciais, afirmamos ainda mais as diferenças entre negros, o que gera sua exclusão, e critica que pouco é abordado sobre outros preconceitos existentes na sociedade e marcados no espaço. Em suas palavras:

> A sociedade está sempre querendo introduzir o negro, querendo, querendo e acaba que esse querer mais e mais, que eles entrem nas atividades e tudo, querendo destacar que eles são negros, que eles também têm lugar, acaba constrangendo eles, eu tenho certeza [...] e tem muito mais preconceito por aí que ninguém fala nada, o branco que sofre preconceito pelo negro, o pobre que sofre pelo rico.

Pensando pela dimensão espacial, no qual a geografia se adentra nesse debate da questão racial, algumas inquietações permearam a discussão, além do racismo e das cotas raciais, ao questionar onde reside essa população negra. O próprio vídeo indica que essa população é predominante nas áreas mais afastadas da cidade, como comentado acima, sendo espaços com infraestrutura e saneamento básico precários. Observando o próprio município de Dourados (MS) é possível perceber que a população negra ou parda vive nas áreas periféricas da cidade, mais afastada do centro urbano, ocasionando uma segregação racial, conforme mostra o mapa a seguir (Figura 2):

Figura 2: Segregação racial em Dourados - MS



Fonte: IBGE, 2015.[6]

Assim, na discussão realizada durante o curso com os estudantes do Ensino Médio, estes por meio de seus depoimentos sinalizam essa diferenciação espacial marcada principalmente por pontos específicos na cidade. Observamos no mapa a segregação existente no município de Dourados. A concentração de pessoas brancas ocorre no centro e nas áreas mais nobres da cidade, como é conhecido, "da Avenida Marcelino Pires pra cima", conforme o relato dos estudantes. Percebe-se também que a população que se denominada parda é que ocupa os arredores da cidade, sendo as áreas mais distantes do centro urbano.

O terceiro encontro foi apresentado o documentário *A Sombra de um Delírio Verde*, o qual expõe uma discussão sobre os indígenas e o avanço do agronegócio em suas terras, no estado do Mato Grosso do Sul. Este vídeo mostra a realidade vivida por muitos indígenas nas aldeias em Dourados, retratando lugares conhecidos pela maioria dos alunos. No entanto, quase nenhum aluno conhece ou visitou alguma aldeia indígena, e pouco sabe sobre suas lutas, apenas o que é propagado pela mídia.

O município de Dourados possui três Reservas Indígenas (RI), e o Estado do Mato Grosso do Sul apresenta constantes conflitos entre indígenas e fazendeiros. A Reserva Indígena de Dourados (RID) tem sua criação em 1917 pelo Serviço de Proteção ao Índio

6 Este mapa é um recorte apenas do município de Dourados realizado pelas autoras, mas pode ser encontrado na íntegra. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/especial/2015/12/16/O-que-o-mapa-racial-do-Brasil-revela-sobre-a-segrega%C3%A7%C3%A3o-no-pa%C3%ADs> Acesso em 15/11/2016 2016.

(SPI) e inicialmente era destinada aos índios da etnia kaiowá (PEREIRA, 2014). Entretanto, o que se observa é que a aldeia não comporta apenas uma etnia indígena, constando além dos kaiowá, os terenas e os guarani. Isso também gera conflitos e desentendimentos internos dentro da própria aldeia, pois há diferenças de organização de uma etnia para outra.

Trabalhar com a questão indígena é também um tema que gera muitas discussões, tanto pela falta de informações reais sobre seu modo e organização de vida, quanto pela construção de uma imagem local que se faz do indígena. O que se evidencia na mídia, na maioria das vezes, são as invasões e fechamentos de estradas pelos indígenas, mostrando o real descaso para com essa população.

Percebemos que pouco se discute, ainda em sala de aula sobre esse tema o qual permeia o cotidiano douradense, pois é muito comum encontrar indígenas nas cidades, em escolas, supermercado, bancos e nas ruas. O alarme que a mídia provoca quanto a invasão de terras pelos indígenas provoca uma distorção sobre as lutas pelo direito à terra que realmente acontece.

Assim, ao perguntar aos alunos onde e qual a imagem que eles têm dos indígenas, muitos responderam que visualizam eles em bares e botecos, sempre bêbados, pedindo dinheiro nas ruas (normalmente crianças pequenas), ou vendendo seu artesanato. Alunos alegam que "a imagem de bêbados são os próprios índios que nos passam", no entanto, desconsideram que por traz dessa imagem, há um povo que luta pelos seus direitos, contra a exploração do trabalho e para ter uma vida digna em suas terras.

No documentário há cenas fortes que chamam a atenção dos alunos, quanto a luta dos povos indígenas locais contra a expansão da cana e da monocultura em suas terras. Isso demonstra o pouco conhecimento sobre o assunto, mostrando o outro lado da história (no caso o dos indígenas), outras visões sobre esses povos. Não se pode generalizar as informações, mas é preciso investigar as reais causas da marginalização desses grupos étnicos. A aluna A2 destaca quanto ao direito à terra pelos indígenas dizendo:

> Essa questão de terras para os indígenas, já que lá no começo foram os indígenas que "descobriram" o Brasil, não sei bem, mas dizem que foram os indígenas, e foi isso o que aconteceu, porque eles não têm uma terra só pra eles, como ele demonstrou em uma cena, Deus não dividiu a terra determinando pra quem era, já que eles são como a gente, porque eles não têm o mesmo direito que a gente tem de ter um pedacinho nem que seja pra construir uma casa pra eles [...].

No entanto, essa visão não é a que predomina entre a população douradense. O que percebemos é a mídia local muito forte expressando uma opinião negativa quanto as manifestações e luta dos indígenas, distorcendo sua história. Isso influencia na opinião da maioria da população, construindo um pré-conceito para com os povos originários.

A partir do vídeo pudemos discutir questões sobre a luta da terra, sobre seus direitos, sua cultura e até mesmo evidenciando os problemas que acometem aos indígenas como o alcoolismo (que se agrava com a colonização do homem branco e o trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar), a desnutrição e outros problemas de saúde. Por mais que seja difícil desconstruir essa imagem de bêbados que os alunos possuem, o vídeo aborda um pouco da cotidianidade dos indígenas, mostrando que não são todos que enfrentam o problema

com o álcool e que em sua maioria eles estão frágeis frente às mudanças e ao avanço do agronegócio nas lavouras do município de Dourados.

Até o momento, os vídeos trabalhados buscaram trazer cenas vividas pelos alunos, realidades próximas de seu meio, por meio da ludicidade das imagens e das cenas. E como nos coloca Barbosa (2007, p. 111) "[...] a ludicidade dos filmes possui uma característica muito própria: a imagem está em movimento. [...] O filme nos traz uma forte impressão de realidade". Por isso, levantar essas temáticas que são vividas diariamente pelos alunos faz parte da Geografia, que busca a compreensão da dimensão espacial e sua interação com a vida, o trabalho e as relações sociais, juntamente com a interação da natureza. Portanto, os vídeos imprimem aspectos da realidade, são imagens impressas e marcadas em seu espaço vivido.

O quarto documentário abordou a questão da exploração do trabalho, retratando cortadores de cana-de-açúcar nordestinos que migram em épocas de colheita, abandonando suas casas por meses, para fazendas no estado do Mato Grosso, sendo este intitulado *Tabuleiro de Cana: Xadrez de Cativeiro.* O vídeo traz depoimentos e cenas de trabalhadores que buscam uma vida melhor, ou que não tem outra escolha, acabam se vendendo a exploração e a condições desumanas de trabalho.

Alguns alunos demonstraram que já tinham conhecimento sobre as condições de trabalho no corte da cana, até porque é muito comum esse trabalho na região de Dourados, MS. Entretanto, nenhum aluno tem familiar que trabalha diretamente nessa área. Alguns ainda se indignam com tal situação, lamentando as condições as quais esses trabalhadores estão expostos.

Na discussão perguntamos aos alunos se eles se sujeitariam as condições de trabalho que é mostrada no documentário, em que todos responderam negativamente. Em depoimento a aluna A5 comenta: "As pessoas que trabalham na cana, mostradas no vídeo, não têm estudo, eram analfabetos e precisavam ganhar dinheiro para mandar para suas famílias".

Além disso, os alunos reafirmam algumas cenas e associam que esse trabalho é um trabalho escravo. Exemplificam outros tipos de empregos que também se remetem as condições de escravidão, como olarias, carvoarias, além de cortadores de cana. "São pessoas que vivem em lugares mais pobres que se submetem a esses trabalhos e os quais não tem sindicato dos trabalhadores que lhes garantam seus direitos", complementa o aluno A5.

Ainda mais próximo da realidade vivida dos alunos, citamos como exemplo os frigoríficos, presente na região de Dourados, no qual há degradação do trabalho, e trabalhadores adoecem por movimentos repetitivos, como a L.E.R. (Lesão por Esforço Repetitivo). A aluna A6 (com dezoito anos) que trabalha em uma clínica relata que eles atendem muitos trabalhadores que sofrem de L.E.R. "Atendemos muitas pessoas que aparecem com problema no ombro, problema no punho, ou até mesmo que sofre um choque térmico, de estar em um ambiente muito frio e repentinamente ir para outro quente".

Ao questionarmos se algum aluno trabalha ou tem familiares que trabalham nos frigoríficos da cidade, uma aluna A7 (dezessete anos) se manifestou, dizendo que realiza trabalhos na mesma empresa, porém, não no setor de corte, mas no administrativo. "Eu percebo que

tem muita gente que fica muito tempo no mesmo movimento, aí passa uns três meses, causa uma lesão na mão, aí muitas vezes eles reclamam, aí tem que trocar de setor".

Há alguns que se opõem e argumentam que hoje, apesar dos problemas, as condições de trabalho melhoraram, como exemplifica a aluna A2 que trabalha nos frigoríficos locais:

> Só que hoje é diferente, hoje tem todos os direitos trabalhistas, por exemplo, trabalho na JBS S.A (Companhia José Batista Sobrinho) lá tem um tempo determinado de descanso, cada setor tem um tempo, descansa, e depois volta a trabalhar, não fica assim o dia inteiro fazendo a mesma coisa sem descanso nenhum [uma rotatividade entre os setores]. Então, hoje se tem direito trabalhista, tem médico, tem dinheiro, ganha bem, não passa fome, não fica doente, como aconteceu, mês passado uma mulher foi engraxar uma máquina lá e quebrou os dedos aí teve que amputar a mão, ela teve os direitos dela, foi pro médico, perdeu a mão mas ela vai ganhar por isso, ela não vai sair perdendo.

No entanto, como analisa Heck e Thomaz Júnior (2012) esse trabalho é degradante, e pode invalidar os trabalhadores limitando-os: "[...] a experiência de trabalho em frigorífico pode trazer consequências irreversíveis, como a invalidez para muitos destes trabalhadores" (HECK; THOMAZ JÚNIOR, 2012, p. 5). Percebe-se que é uma ilusão essa melhora nas condições de renda e de direitos, pois "[...] o trabalho sob o signo do capital é marcado pela exploração, precarização e degradação do corpo do homem que trabalha" (HECK; THOMAZ JÚNIOR, op. cit., p. 4).

O documentário em si levantou questionamentos quanto a exploração do trabalho e também as transformações que gera no espaço. As relações entre trabalhadores (proletários) e donos do meio de produção que se estabelecem ditam a divisão territorial do trabalho, e nisso se refletem as condições precárias a que muitos trabalhadores são submetidos. Os alunos se identificaram com as situações expressas e debatidas por vivenciarem algumas em seu meio de trabalho.

O quinto documentário abordou a questão de gênero e sexualidade, um tema em evidência na atualidade, intitulado, "Os tabus sociais na percepção de gêneros e papéis sexuais". Explorou questões ligada a escolha pessoal de cada indivíduo sobre sua opção sexual, colocando as inúmeras perspectivas e buscando desmistificar tabus existentes sobre o assunto. O documentário foi relevante pois no momento da discussão vários acontecimentos nacionais e mundiais eram transmitidos quanto aos direitos dos homossexuais (aprovação do casamento gay) e a realização da parada LGBT.

A questão sobre gênero levantou muitas dúvidas e questionamentos, havendo contradições nas ideias entre os alunos. Sobre essa temática a aluna A6 argumentou que: "Eu não tenho nada contra, tenho amigos gays e lésbicas, mas eu evito, porque é um pecado, está na Bíblia". Percebe-se que seu discurso tem um cunho religioso e que a religião fundamenta em alguns casos o pensamento dos jovens. Essa aluna é evangélica, dentro da sala há outros alunos da mesma religião ou de outras, que também têm opiniões semelhantes.

Desta forma, alguns depoimentos, nos oferecem indícios da forte influência que a religião exerce na formação das opiniões dos estudantes, caminhando de encontro aos valores

adquiridos ao longo de sua vida, aos ensinamentos adquiridos no convívio familiar. Isso mostra como a religiosidade influencia no processo de formação do indivíduo, pois são valores ensinados pela própria família. No entanto, é preciso ter cautela em discernir situações e atitudes que podem gerar um julgamento e preconceitos contra as pessoas. A Igreja de forma geral, tem influência não somente na população, mas na política, na mídia e na sociedade como um todo.

Por outro lado, evidencia-se argumentos baseados no que observam sobre a questão dos casais homossexuais nas novelas, televisão e de forma geral na mídia. Alunos afirmam ser *uma vulgarização*, cenas que as pessoas não estão acostumadas a vivenciar – ou acreditam que não – como se o mundo constituído pela família perfeita não fosse mais mostrado (sendo a família pai, mãe e filhos) e o que mostram são as imperfeições da sociedade, porém, nada mais que a própria realidade dos alunos:

> A nossa sociedade é preconceituosa, concordo. Mas acho que as pessoas não têm preconceito com os homossexuais, mas com certo tipo de homossexuais, atitudes, pois existem pessoas bem-sucedidas que são homossexuais e não saem por ai se exibindo, na parada gay, se respeitam. (depoimento do aluno A8)

E a aluna A9 completa dizendo que "A sociedade é contra esse tipo de homossexual que se exibe de uma forma e faz a população se indignar contra eles". Seu depoimento demonstra que a sociedade tem um pré-conceito e um pré-julgamento quanto as escolhas de cada pessoa, e aqueles que fogem dos padrões de uma sociedade "perfeita", "normal", são excluídos, julgados, sofrem preconceitos em todos os lugares.

Isso justifica-se pela preocupação demonstrada no argumento da aluna A6 em estar junto de grupos "diferentes" pelo fato da discriminação: "Tem outra também, se eu começar a andar com uma amiga [que seja lésbica] o povo, a sociedade vai começar a me olhar diferente, mesmo sem me conhecer".

Em vários momentos os alunos se baseiam em redes sociais e na mídia para formar sua opinião, se reportando ao que a mídia coloca como se fosse a única versão e verdade dos fatos, acreditando que determinada informação seria o verdadeiro conhecimento.

Percebemos que discutir sobre questões de gênero e sexualidade causa até certo desconforto entre os alunos, mas que é importante para quebrar com algumas ideias impostas pela sociedade patriarcal. Buscamos mediar essa discussão a fim de levar os alunos refletirem sobre atitudes que presenciam na mídia, nas redes sociais, antes de reproduzirem tal e qual lhes é indicado. Relata a aluna A10 sobre essa discussão:

> O vídeo dos gêneros é um assunto bastante polêmico e exibi várias opiniões alheias ou iguais. É um tema atual, até hoje é algo muito discutido, recentemente foi aprovado casamento entre duas pessoas do mesmo gênero, só que para a sociedade é algo que para alguns não pode existir e para outros é uma escolha.

Desta forma, é importante que essas discussões permeiem a escola, sejam discutidas em sala de aula, não somente na Geografia, mas que os alunos exponham suas opiniões, e não apenas reproduzam o que lhes é mostrado. Além de que essa diversidade social está presente

na formação de nosso país, são movimentos e lutas cada vez maiores em prol de seus direitos, e só trabalhando nas escolas é que acabaremos com os preconceitos e a intolerância diante de algumas situações.

As discussões colocam em conflito as diversas opiniões o que gera um embate e divergência de ideias. Isso é produtivo para o enriquecimento do debate e da problemática. É percebido que as mudanças mais recentes ainda causam estranheza nos estudantes quanto ao assunto de gênero e sexualidade, por isso, frisa-se a importância de maiores discussões sobre esses e outros assuntos.

No curso foi discutido uma diversidade de assuntos e temas, cada um com sua particularidade, mas que dialogavam entre si, relacionando e retomando os vídeos já apresentados. Frisamos a importância dessa prática com os alunos do Ensino Médio noturno, pois em sua maioria já estão inseridos no mercado de trabalho e o que os movem a concluir o ensino básico não é apenas uma questão de obrigatoriedade, há anseios individuais para a conclusão do Ensino Médio, sendo um exemplo a exigência de uma maior profissionalização (sendo que o Ensino Fundamental e Médio são a base para outras especializações). Atividades mais dinâmicas são restritas ao ensino noturno, e por isso uma relevância em desenvolver o curso com esses estudantes, envolvendo-os nas discussões e buscando outras linguagens além do formalismo das aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente momento, não buscamos uma conclusão a respeito das temáticas, apenas apontamentos iniciais dos objetivos aos quais buscamos obter com a realização de determinado curso na escola, com o intuito de levar um trabalho para os alunos, de forma que possam compreender melhor suas realidades e questões abordadas nas mídias e na atualidade, com outros olhares, instigando a criação de sujeitos críticos e atuantes.

Desta forma, acreditamos que a discussão dos temas tenha proporcionado uma Geografia que estimule a capacidade de análise, reflexão e comparação dos temas essenciais para a emancipação do aluno, tendo a consciência de que este processo é constante e dialético.

A partir das experiências (positivas e/ou negativas) obtidas durante a atividade poderemos refletir a nossa prática enquanto docentes em sala de aula e, auferindo-os conhecimentos para nossa carreira acadêmica.

Assim a discussão tem a proposta de atentar para o desenvolvimento de habilidades e competências para instigar os discentes levando em consideração as suas vivencias, as heterogeneidades de todos os indivíduos, a singularidade do local de moradia e a complexidade das dinâmicas mundiais que se remodelam com agilidade cada vez maior.

No decorrer do projeto conseguimos identificar pontos positivos e negativos. Destacamos entre os positivos a participação e colaboração dos alunos, e a aceitação do projeto pela escola e pela professora, além de ter promovido o debate dos temas e polemizado as discussões. Entre os negativos, a disponibilidade de um espaço inadequado (pequeno); o tempo de aula (curto para o debate), falhas no som e na imagem dos equipamentos utilizados.

A dinâmica de documentários foi satisfatória, apesar de alguns incômodos com qualidade do som e imagens, estimulou os alunos a se expressarem, ativando outros sentidos além da visão e da audição. Os alunos demonstraram vergonha inicialmente, pois todas as falas deles foram registradas em vídeos, o que fez com que alguns alunos não manifestassem e não se expusessem, contudo, de forma geral, foram muito participativos nos debates.

Ao questionarmos os alunos sobre a frequência com que assistiam a documentários muitos apontam que não tem o hábito, e que ocasionalmente assistem na escola. Sendo assim, espera-se que o trabalho sirva de estímulo para a criação de próximos trabalhos com a mesma proposta, promovendo a realização de aulas dinâmicas pelos docentes de Geografia do ensino básico, servindo de utilização dessa linguagem em aulas futuras.

Conjuntamente, espera-se ampliar o conhecimento sobre temas contemporâneos; discutir pré-conceitos buscando a maior aproximação entre as pessoas; refletir sobre a realidade do trabalho no mundo contemporâneo; contribuir para a formação cidadã do estudante; servir de estímulo ao debate e ao conhecimento sobre o outro.

Contudo, realizar este trabalho, nos possibilitou propor levantamentos fundamentados das possibilidades reais da eficácia da realização de documentários, apresentando a linguagem imagética no ensino de geografia, fazendo conexões com outros conhecimentos. Apresentamos o quadro 2, como avaliação realizada pelos alunos diante do desenvolvimento do projeto.

Quadro 2: Avaliação dos alunos sobre o Projeto Olhares Geográficos: o uso de documentários no Ensino de Geografia

Alunos	Avaliação do projeto
Aluno 1	Foi muito bem discutido, pois acho que faltou explicar mais, pois só passava os vídeos e depois queria discutir com a gente,
Aluno 2	O projeto ajuda bastante o aluno a ter outra visão ou certas visões pelo determinado tema. São temas discutidos que acontecem até no dia a dia, e são importantes para um entendimento e uma breve expressão sobre o mesmo.
Aluno 3	Pontos positivos: esses documentários trouxeram mais informações que eu não sabia, e aprimorou meus conhecimentos. Pontos negativos: deveria trazer mais documentários.
Aluno 4	Foi muito importante o uso de documentários pois podemos ver imagem e entrevistas com pessoas que passaram por isso, as discussões também nos ajudam a pensar mais sobre o assunto e termos uma opinião.
Aluno 5	Achei de grande valor o uso de documentários para abordagem dos temas, porque podemos escutar outras opiniões a respeito dos temas. Fazendo com que tenhamos mais facilidade para formar ou expor uma opinião a respeito do tema, e tivemos oportunidade de expor nossas ideias.

Pudemos concluir que para os alunos, trabalhar com documentários lhes proporcionou o diálogo, ampliar sua visão sobre alguns assuntos, ajudando-os a formalizar sua opinião, a discutir sobre questões que se apresentam na sociedade. Entendemos que o tempo de debate ficou reduzido, e que as explicações eram rápidas, contudo, ponderamos que os documentários serviram de estímulo inicial, e que não se esgotou as dúvidas e questões sobre os temas. É um trabalho que deve ter continuação.

O balanço que podemos apontar sobre o curso com documentários, é fato de que essa prática pode abrir um leque de possibilidade de levar os alunos a pensarem sobre seu

cotidiano, dando liberdade para o pensar as questões, aprenderem e apontarem seus conhecimentos diante das temáticas, mostrando outros caminhos que a Geografia pode abrir, e ser mais agradável de ser aprendida. Enquanto professoras de Geografia, podemos perceber formas de melhorar e ajudar a problematizar questões atuais em sala de aula e abordando até mesmo para a professora regente da sala, sobre as formas e a importância de se utilizar desse recurso de forma a instigar os alunos ao aprendizado.

Portanto, a utilização dos documentários como forma de avaliação e crescimento intelectual para os alunos, mostrou-se uma prática eficaz. As aulas foram mais dinâmicas e a participação dos alunos foi de extrema importância. Esclarecemos que trabalhar com vídeos não é uma forma de "matar" aulas, como encarou alguns alunos inicialmente, mas sim, outros mecanismos de proporcionar a reflexão sobre as questões propostas e outras que possam surgir.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. L. Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **A geografia na sala de aula**. Contexto: São Paulo, 2007, pp.109-133.

BRAND, Antonio; FERREIRA, Eva Maria; JUNIOR, Rene T. BATISTA, Suzana G. Os Kaiowá e Guarani em tempos da Cia MatteLarangeira. Anais do XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, ANPUH, 22, 2003, João Pessoa, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação e da Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Geografia. Brasília MEC/ SEF, 1998.

_____. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2008, pp. 43-62.

CALLAI, H.C. A Geografia no Ensino Médio. **Terra Livre**, São Paulo, n.14, 1999, pp. 60-99.

_____. **Geografia e a Escola**: Muda a Geografia? Muda o ensino?_____, _____, n.16, 2001, pp.133-150.

DIAS, R. F. Em busca da definição: mas afinal... O que é mesmo documentário? De Fernão Pessoa Ramos. **Revista Fênix**, São Paulo, n.2, v. 6, 2009, pp.1-11.

HECK, F. M.; THOMAZ JÚNIOR, A. Territórios da degradação do trabalho: os impactos na saúde e na vida dos trabalhadores de frigoríficos de aves e suínos no Brasil. **VIII Seminário de Saúde do Trabalhador e VI Seminário "O Trabalho em Debate"**. Anais... Franca/SP, UNESP, 2012, pp. 1-19.

HUBERMAN, L. **História da Riqueza do Homem.** Zahar: Guanabara, 1986.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria do Estado de Educação. **Referenciais Curriculares do Ensino Médio**: Campo Grande, 2012.

OLIVEIRA, D. R. **O uso do cinema das aulas de Geografia:** proposta de estudo da região nordeste. Instituto de Estudos e Pesquisas do Vale do Acaraú (IVA). Jijoca de Jericoacoara (CE), 2011.

PEREIRA, L. M. A atuação do órgão indigenista oficial brasileira e a produção do cenário multiétnico da Reserva Indígena de Dourados, MS. **Encontro Anual da Anpocs, 38,** Caxambu, **Anais do Encontro Nacional de Estudos Populacioanais** (MG), 2014, pp. 1-28.

PEREIRA, R. N. F. A Geografia na escola. In: PEREIRA, Raquel Maria. **Da Geografia que se ensina a Geografia Moderna**. 2 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999, pp. 21- 49.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. In: http://escolavilmar.blo HYPERLINK "http://escolavilmar.blogspot.com.br/"gspot.com.br/#uds-search-results. Acesso em: 18/04/2015, às 15:15.

QUEIROZ, P. R. C. A Companhia ate Laranjeira e seus fluxos Mercantis (1891-1902). In: III CONGRESO LATINOAMERICANO DE HISTORIA ECONÓMICA Y XXIII JORNADAS DE HISTORIA ECONÓMICA. SIMPOSIO5: CONGRESO LATINOAMERICANO DE HISTORIA ECONÓMICA, 3.; Y XXIII JORNADAS DE

HISTORIA ECONÓMICA,. 23. SIMPOSIO 5: Transportes y Serviciosenlos Mercados Regionales y Nacionalesen América Latina (Siglos XIX- y XX). 2012, San Carlos de Bariloche, **Anais…**, San Carlos de Bariloche: 2012

SANTOS, M. **Por outra globalização**: do pensamento único a consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VESENTINI, J. W. Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **A geografia na sala de aula.** Contexto: São Paulo, 2007, pp. 14-33.

Site consultados:

História do Mato Grosso do Sul:

<http://www.douradosnews.com.br/dourados/a-criacao-de-mato-grosso-do-sul-no-contexto-da-ditadura-militar>;

<http://cmais.com.br/educacao/educacao-em-foco/aprenda-com-cmais/a-linguagem-do-documentario-na-sala-de-aula>;

<http://www.campograndenews.com.br/cidades/-ms-tem-populacao-indigena-de-61-mil-indios-8-deles-em-1-unica-aldeia>.